

C H R I S T I A N G R E N I E R

CONTOS E LENDAS

Os Doze Trabalhos de Hércules

Ilustrações de Carlos Fonseca
Tradução de Eduardo Brandão

11^a reimpressão



S E Q U I N T E
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 1997 by Éditions Nathan — Paris, França
Copyright das ilustrações © 2003 by Carlos Fonseca

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Título original

Les douze travaux d'Hercule

Capa

Eliana Kestenbaum

Ilustração da capa

Carlos Fonseca

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen S. da Costa

Atualização ortográfica

acomte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grenier, Christian

Os doze trabalhos de Hércules / Christian Grenier ;
ilustrações Carlos Fonseca ; tradução de Eduardo Brandão.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

Titulo original : *Les douze travaux d'Hercule*

ISBN 978-85-359-0412-3

1. Mitologia — Literatura infantojuvenil 1. Coelho,
Rogério. II. Título.

03-4454

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Mitologia : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Mitologia : Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

1. UMA OU DUAS ARTIMANHAS DE JÚPITER	7
2. UMA INFÂNCIA DE HERÓI	33
3. A PELE DO LEÃO DE NEMEIA OU O LEÃO DE NEMEIA	69
4. UM MONSTRUOSO FACE A FACES OU A HIDRA DE LERNA	87
5. UM JAVALI PARA EURISTEU OU O JAVALI DE ERIMANTO	103
6. EM BUSCA DA CORÇA SAGRADA OU A CORÇA DO MONTE MÊNALO	117
7. O CAÇADOR QUE TOCAVA CÍMBALOS OU AS AVES DO LAGO DE ESTÍNFALO	133
8. CARA A CARA COM O TOURO DO REI DOS MARES OU O TOURO DO REI DE CRETA	145
9. A SANGRENTA HISTÓRIA DO REI QUE FAZIA SUAS ÉGUAS DEVORAREM OS ESTRANGEIROS OU AS ÉGUAS DE DIOMEDES	155
10. UM SERVIÇO SUJO OU OS ESTÁBULOS DE ÁUGIAS	169
11. PELOS BELOS OLHOS DE UMA AMAZONA OU O CINTO DE HIPÓLITA	181
12. MIL BOIS PARA UMA DEUSA OU OS BOIS DE GERIÓN	201
13. O APANHADOR DE FRUTAS OU OS POMOS DE OURO DO JARDIM DAS HESPÉRIDES	221
14. UMA MISSÃO NO INFERNO OU O CÃO CÉRBERO	239
 GLOSSÁRIO	257
POSFÁCIO	263
MAPA – A PENÍNSULA EUROPEIA NA ANTIGUIDADE	268
BIBLIOGRAFIA	269
MAPA – A GRÉCIA NA ANTIGUIDADE	271



1

UMA OU DUAS
ARTIMANHAS DE JÚPITER

Naquela noite, os soldados que montavam guarda às portas da cidade de Tebas tinham adormecido. Um deles, Filo, apurou o ouvido.

— Acordem, companheiros, acordem! — berrou.

Um segundo depois, estavam todos de pé, alertas.

Algumas semanas antes, um povo vizinho, os telebeus, havia declarado guerra a

Tebas. Anfitrião, rei da cidade, pôs-se à frente do seu exército e saiu para combatê-los. Privada dos seus mais valorosos combatentes, Tebas via-se agora quase desprotegida.

— Estão ouvindo esse galope ao longe?
— perguntou Filo.

O pânico se alastrou.

— Estamos... São os telebeus!
— Eles vêm atacar de surpresa nossa cidade!

Filo ficou aflito. Antes de partir, Anfitrião tinha lhe recomendado: “Deixo Alcmene sob a sua proteção. Enquanto eu estiver ausente, trate de que nada aconteça com ela”.

Anfitrião tinha se casado havia pouco com a bela Alcmene, filha do rei de Micenas. Os recém-casados sentiam um amor sereno e sincero, e Filo nem queria pensar na cólera de Anfitrião se a jovem rainha fosse ferida ou capturada durante a sua ausência.

— Depressa, vamos dar o alarme!

— Não — discordou Filo, tentando fazer que a razão dominasse o medo. — Esperem... Não é um exército avançando: só ouço um cavalo!

Inquietos, eles esquadriňharam a noite sem lua e as sombrias colinas próximas. De repente, um cavalo ricamente arreado surgiu rinchando na escuridão. Seu cavaleiro tinha um nobre aspecto. Vestia uma armadura deslumbrante, como se ela houvesse absorvido a claridade das estrelas sumidas do céu. Impressionados com sua aparição, os soldados recuaram. Somente Filo esboçou um passo à frente e gritou:

— Alto! Quem é você, estrangeiro, que ousa vir aqui a esta hora, como um ladrão? Poderíamos tê-lo liquidado. Estamos em guerra!

O cavaleiro tirou então o capacete. Sua voz, familiar e zombeteira, soou:

— Ora essa! Quem melhor que eu para

saber disso? É assim que se recebe o senhor desta terra?

Os guardas logo reconheceram o rei. Envergonhados, prosternaram-se diante dele.

— Levantem-se! — disse Anfitrião. — Vocês são bons soldados.

Tendo ficado de pé, Filo gaguejou:

— O senhor? Sozinho? A esta hora? Sem escolta?

O olhar que o rei lhe dirigiu era tão determinado que Filo teve de baixar os olhos.

— Leve-me à minha esposa! — ordenou.

As portas da cidade foram abertas às carreiras. E o soldado guiou Anfitrião pelas ruas desertas. Tendo chegado diante do palácio, Filo ergueu a cabeça.

— Desculpe meu atrevimento, senhor... É que chegou de forma tão inesperada! A vitória dos nossos inimigos está próxima?

Uma sonora gargalhada respondeu ao soldado:

— Não há o que temer. Minha visita não

tem nada a ver com a guerra. Sinto falta da bela Alcmene, Filo. Lembre-se: mal nos casamos, tivemos de nos separar. Esta noite, como eu não conseguia pegar no sono, resolvi fazer uma surpresa a ela.

Filo sentia um mal-estar inexplicável. Tentou tapear o visitante, conduzindo-o por um corredor que levava à cozinha.

— E então, Filo? — ralhou Anfitrião. — Esqueceu onde ficam os aposentos da rainha?

Filo não hesitou mais: guiou seu amo até o quarto de Alcmene. Bateu na porta, esprerou. Por um instante, temeu o pior: e se a rainha não estivesse sozinha? E se o rei, desconfiando que ela tinha um namorado, só tivesse vindo até ali para surpreendê-lo com ela?

Uma criada logo apareceu. De um gesto, Anfitrião expulsou-a do quarto. Filo percebeu Alcmene levantando-se. A rainha estava sozinha. Alarmada, cobria apressada-

mente os ombros nus com um xale. Quando viu aquele guerreiro armado entrando, recuou assustada. Depois reconheceu o marido, e não pôde conter um grito de angústia:

— Anfitrião! Você aqui? Que catástrofe veio me anunciar?

— Nenhuma, minha amada. É que estava com tanta vontade de ver você...

A paixão fazia os olhos do rei brilharem.

— Alcmene — ele murmurou —, sua beleza levaria os próprios deuses à perdição! Sempre tenho a impressão de que estou vendo você pela primeira vez.

Só então a rainha relaxou. Em seu rosto sonolento abriu-se um sorriso radioso. No suspiro que ela deu misturavam-se o alívio, o desejo e a alegria.

Anfitrião virou-se para o soldado que o conduzira até ali.

— Filo, ainda está aí? — disse-lhe com um sorriso que parecia um desafio. — Não acha que já é hora de nos deixar a sós?



Filo fechou a porta do quarto. Guardaria por muito tempo na memória a deslumbrante imagem da soberana, que ele havia acabado de despertar. Compreendia perfeitamente que seu soberano tivesse feito aquela louca cavalgada.

Quando Filo voltou às portas da cidade, seus companheiros estavam bem acordados. Um deles apontou para o céu.

— Olhe, parece que o dia já vai raiar.
— Não — replicou outro soldado. — São as nuvens que se dissipam e deixam enfim as estrelas aparecerem.

— Não é nada disso — murmurou Filo, arrepiando-se todo.

Um silêncio incomum enchia a noite iluminada. Começou a cair do céu uma chuva estranha: suas gotas eram de ouro! Elas caíam sobre as colinas dos arredores e sobre Tebas adormecida. Estupefatos, os soldados erguiam a cabeça e esticavam os braços para a chuva milagrosa, esperando pegar um pouco daquele prodígio.

— Não é uma noite como as outras — disse um dos soldados.

O cavaleiro visitante apareceu às portas da cidade, vestido com sua armadura prateada. Sem dizer palavra, pulou no seu cavalo branco e saiu galopando noite adentro.

No exato instante em que a escuridão o engoliu, a chuva de ouro parou de cair.

Pouco tempo depois, Anfitrião voltou vi-

torioso para Tebas com seu exército. De noite, foi ter com Alcmene no quarto dela.

— Querida — exclamou —, esses meses longe de você foram intermináveis.

— Apesar disso — respondeu a rainha —, você deu um jeito de vir me ver às escondidas. Sabe que, desse último encontro, estou esperando um filho?

Anfitrião empalideceu.

— De que encontro está falando?

Perturbada, Alcmene contou como, semanas antes, ela tinha recebido seu rei.

— Que história é essa? — explodiu Anfitrião. — Não saí de perto do meu exército! Quem é esse homem que você confundiu comigo?

— Era você, meu rei, tenho certeza! Procure se lembrar. Como eu poderia tê-lo confundido com outro?

— Você acha que eu teria me esquecido dessa visita? Que mentira é essa que está inventando para desculpar suas infidelidades?

Alcmene caiu de joelhos, apavorada. Anfitrião mandou chamar Filo. Tremendo de medo, o fiel soldado confirmou:

— Meus companheiros poderão testemunhar, senhor: nós o reconhecemos. Naque-la noite, o senhor estava sozinho. Pedi-me que o conduzisse aos aposentos da rainha...

— É uma conspiração! — berrou o rei, puxando a espada. — Vocês todos estão mancomunados para me trair!

Alcmene e Filo acharam que iam morrer. Mas naquele instante um forte clarão iluminou o quarto. Ofuscado, Anfitrião recuou. Diante dele acabava de aparecer um deus envolto em luz. A princípio, Filo pensou reconhecer o cavaleiro daquela noite: trajava a mesma armadura de prata, mas desta vez seu rosto estava coberto por uma barba encaracolada. Na mesma hora, os humanos identificaram Júpiter, que comanda todos os outros deuses do Olimpo.

— Acalme-se, Anfitrião! — ordenou. —

Alcmene não traiu você. Fui eu, Júpiter, que assumi suas feições para vir visitá-la. Sim, agora ela traz no ventre um filho que será um herói. Um ser cuja força e cujas façanhas serão lendárias e que livrará os humanos dos males que os afligem!

O rei de Tebas já ia protestar timidamente, mas Júpiter interrompeu-o:

— Ora, Anfitrião, você não pode ficar com ciúme de um deus! Alcmene e você criaram meu filho para que ele cumpra seu glorioso destino. E chamarão esse filho de Hércules.

E desapareceu, num novo clarão seguido de uma enorme trovoada.

Quando reapareceu no alto do monte Olimpo, onde morava no mais lindo de todos os palácios, Júpiter deu de cara com sua mulher, Juno. Nada, ou quase nada, escapa da vigilância dos deuses. E se Júpiter tinha

conseguido, com alguma artimanha, esconder de Juno sua breve noite com a bela Alcmene, não pôde evitar a cólera da esposa, que não perdera uma palavra da confissão do seu infiel esposo.

— Quer dizer que você me traiu de novo!

— Juno, desta vez, eu juro, foi por uma boa causa. Você sabe dos flagelos que afligem os homens. Pois meu filho vai livrá-los deles!

— Não me venha com desculpas esfarrapadas, Júpiter. Mercúrio, seu cúmplice, deve ter lhe falado da beleza de Alcmene e você não resistiu.

Juno estava bastante zangada com as repetidas infidelidades do marido.

— Que mania desagradável você tem, de visitar as humanas para lhes fazer filhos. Não bastaram Europa e Leda?¹

1. Europa e Leda eram duas mortais que Júpiter seduziu, transformando-se em touro para uma e em cisne para a outra.